

Procesos de Exclusión a través del Currículo de Matemáticas: ¿de Quién es la Culpa?

Ricardo Gomes Assunção

ricardo.assuncao@ifgoiano.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-6539-945X>

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano – Campus Urutaí (IFGoiano)

Urutaí, Brasil.

Marcio Antonio da Silva

marcio.silva@ufms.br

<https://orcid.org/0000-0002-5061-8453>

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Campo Grande, Brasil.

Recibido: 08/02/2023 **Aceptado:** 23/04/2023

Resumen

En este artículo, presentamos una parte de una investigación doctoral concluida en 2022, cuyo objetivo fue comprender cómo los estudiantes de la Enseñanza Media Integrada (EMI) y de la Enseñanza Superior de un Campus del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Goiás se constituyen como sujetos-estudiantes excluidos por el currículo de matemática. El corpus de análisis estuvo compuesto por textualizaciones de entrevistas con alumnos de EMI que se encontraban en dependencia en la asignatura de matemáticas y con alumnos que habían abandonado el curso de Licenciatura en Matemáticas, ambos de la mencionada institución educativa. Se realizó un análisis del discurso del material producido, inspirado en las teorizaciones del filósofo Michel Foucault, con el fin de destacar la producción de enunciados sobre lo dicho por los alumnos, en la dirección de alcanzar nuestros objetivos. Se destacaron tres afirmaciones, y la que presentaremos en este artículo es: “si me hubiera esforzado más, lo habría conseguido”, donde los estudiantes se culpan / responsabilizan de su proceso de exclusión, aunque, como veremos, esta afirmación está atravesada por otros campos discursivos, como el neoliberal y el religioso. Concluimos que es necesario producir múltiples currículos que atiendan a la variedad de estudiantes que asisten a la institución investigada, para romper el paradigma del currículo como algo sagrado y que nunca puede ser cuestionado.

Palabras clave: Análisis del discurso. El cristianismo. Currículo de matemáticas. Exclusión. Michel Foucault. Neoliberalismo.

Processos de Exclusão pelo Currículo de Matemática: de Quem é a Culpa?

Resumo

Neste artigo, apresentamos um recorte de uma pesquisa de doutorado finalizada em 2022, cujo objetivo foi entender como alunos e alunas do Ensino Médio Integrado (EMI) e do Ensino Superior de um Campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano se constituem enquanto sujeito-aluno excluído pelo currículo de matemática. O *corpus* de análise foi composto por textualizações de entrevistas com estudantes do EMI que cursavam a dependência na disciplina de matemática e com estudantes evadidos do curso de Licenciatura em Matemática, ambos da referida instituição de ensino. Foi realizada uma análise discursiva do material produzido, de inspiração nas teorizações do filósofo Michel Foucault, para produzir enunciados sobre o que foi dito pelos estudantes, na direção de atingir nossos objetivos. Foram destacados 3 enunciados, sendo o que apresentaremos nesse

artigo é: ‘se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria’, onde os estudantes se auto culpabilizam/responsabilizam pelo seu processo de exclusão, embora, como veremos, esse enunciado é atravessado por outros campos discursivos, como o neoliberal e o religioso. Conclui-se que é necessário produzir currículos múltiplos que atendam à variedade de estudantes que frequentam a instituição pesquisada, a fim de quebrar o paradigma do currículo como algo sagrado e que jamais pode ser questionado.

Palavras chave: Análise do Discurso. Cristianismo. Currículo de Matemática. Exclusão. Michel Foucault. Neoliberalismo.

Processes of Exclusion through the Mathematics Curriculum: Whose fault is it?

Abstract

In this paper, we present a part of a PhD research completed in 2022, whose objective was to understand how students from Integrated High School (EMI) and Higher Education of a Campus of the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás are constituted as a subject-student excluded by the mathematics curriculum. The corpus of analysis was composed of textualizations of interviews with EMI students who were in mathematics dependency and with students who had dropped out of the Mathematics Degree course, both at the mentioned educational institution. A discourse analysis of the material produced was carried out, inspired by the theories of the philosopher Michel Foucault, with the purpose of highlighting the production of statements about what was said by the students, in order to achieve our goals. Three statements were highlighted, and the one that we will present in this article is: ‘if I had tried harder, I would have achieved it’, where students blame themselves for their exclusion process, although, as we will see, this statement is crossed by other discursive fields, such as the neoliberal and the religious. We conclude that it is necessary to produce multiple curricula that meet the variety of students who attend the researched institution, in order to break the paradigm of the curriculum as something sacred and that can never be questioned.

Keywords: Discourse Analysis. Christianity. Mathematics curriculum. Exclusion. Michel Foucault. Neoliberalism.

Considerações iniciais

Esse artigo apresenta alguns resultados de uma pesquisa de doutorado, finalizada em 2022, que teve lugar no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Desenvolvida pelo primeiro autor, a pesquisa foi orientada pelo segundo autor, que é líder do Grupo de Pesquisa Currículo e Educação Matemática (GPCEM), cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), certificado pela UFMS.

A tese teve por objetivo descrever como os alunos e alunas se constituem enquanto sujeitos excluídos pelo currículo de matemática, ou, em outras palavras, como os alunos e alunas são subjetivados e subjetivadas pelos processos de exclusão engendrados pelo currículo de matemática. Para isso, foram considerados dois processos de exclusão pelo

currículo de matemática: primeiro, os alunos e alunas que cursavam a dependência da disciplina de matemática¹ de cursos EMI e, segundo, as alunas e alunos evadidos do curso de Licenciatura em Matemática², ambos os cursos do *Campus Urutaí*³, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano.

Para alcançar os objetivos da pesquisa, foram realizadas entrevistas narrativas com alunas e alunos que sofreram um dos dois processos de exclusão anteriormente citados⁴. Essas entrevistas resultaram nas textualizações que compõem o *corpus* de pesquisa. A análise desse *corpus* aconteceu mediante uma análise discursiva, de inspiração foucaultiana, em que buscamos construir enunciados, a partir de regularidades enunciativas encontradas no que foi dito pelos alunos e alunas, com vistas a entender como elas e eles se constituem enquanto sujeitos que sofreram os processos de exclusão pelo currículo de matemática considerados nessa pesquisa.

Na tese, conseguimos destacar três enunciados. Neste artigo, vamos apresentar um deles, a saber, ‘se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria’, em que os estudantes se culpabilizam/responsabilizam pela exclusão a qual foram submetidos, seja no EMI ou no curso de Licenciatura em Matemática. A existência desse enunciado se correlaciona com os campos discursivos religioso e do neoliberalismo. Essa análise foi feita de acordo com as características do discurso de inspiração foucaultiana, como veremos na próxima seção. Esse enunciado evidencia uma das propriedades dos processos de exclusão engendrada pelo currículo de matemática.

Um tema central para o currículo é decidir quais cursos, disciplinas e conhecimentos são válidos para serem considerados significativos e legitimados como importantes na formação dos alunos e das alunas. Dependendo das escolhas curriculares feitas, podemos criar mecanismos de inclusão e exclusão que são movimentados, afetando e afastando todos os participantes do processo educativo (SILVA, 2019). Por outro lado, pode-se apostar na

¹ Por dependência, estamos nos referindo ao regime em que os estudantes que reprovaram na disciplina de matemática, porém foram aprovados na série que estavam cursando, cursam novamente a disciplina de matemática dessa série no ano seguinte, em paralelo com a série para o qual foi aprovado no ano anterior.

² Por alunas e alunos evadidos, estamos considerando aqueles que, por algum motivo, não concluíram o curso.

³ Urutaí é um município que fica no interior de Goiás, distante 169 km da capital Goiânia. Segundo a prévia do censo de 2022, constante no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população atual é de 3.119 habitantes. O Instituto Federal, *locus* desta pesquisa, está em funcionamento no município desde 1953, tendo tido outras denominações e finalidades ao longo do tempo. Para saber mais sobre a história da escola, sugerimos a leitura de Issa (2014, 2018).

⁴ Interessante comentar que, inicialmente, iríamos entrevistar apenas os alunos e alunas do EMI, mas com a pandemia, e a conseqüente suspensão das aulas presenciais, tivemos que modificar os planos iniciais, incluindo as alunas e os alunos evadidos do curso de licenciatura, por serem mais fácil de contactar e fazer as entrevistas na modalidade remota.

multiplicidade de currículos e, portanto, de endereçamentos distintos que contemplem a variedade de pessoas envolvidas nesse processo. Nessa última perspectiva, apostamos em um currículo que não aponta para um estudante ideal, muito menos um mundo ideal, mas sim na compreensão que o processo é contínuo e que os envolvidos na produção e implementação curricular poderiam estar em constante movimento, levando em conta quem são os estudantes e o que eles(as) querem ser.

Por isso, pesquisar como esses processos operam e valorizar as subjetividades produzidas por esses estudantes é um importante e significativo objetivo para os estudos curriculares.

Abordagem teórico-metodológica

A análise do discurso, diferente da análise estruturalista da linguística, não fica restrita ao sistema linguístico, por considerar que a atribuição dos sentidos não é fixa e depende dos sujeitos e do contexto sócio-histórico-cultural. “Com isso, dizemos que o discurso implica uma exterioridade à língua, encontra-se no social e envolve questões de natureza não estritamente linguística” (FERNANDES; SÁ, 2021, p. 20).

Segundo Foucault (2017^a, p. 131), “o discurso é constituído por um conjunto de signos, enquanto enunciados, isto é, enquanto lhes podemos atribuir modalidades particulares de existência”, o que o distancia do significado comumente dado à palavra. De acordo com Fernandes e Sá (2021, p. 19),

discurso, como uma palavra corrente no cotidiano da língua portuguesa, é constantemente utilizada para efetuar referência a pronunciamentos políticos, a um texto construído por meio de recursos estilísticos mais rebuscados, a um pronunciamento marcado por eloquência, a uma frase proferida de forma primorosa, à retórica, e a muitas outras situações de uso da língua em diferentes contextos sociais.

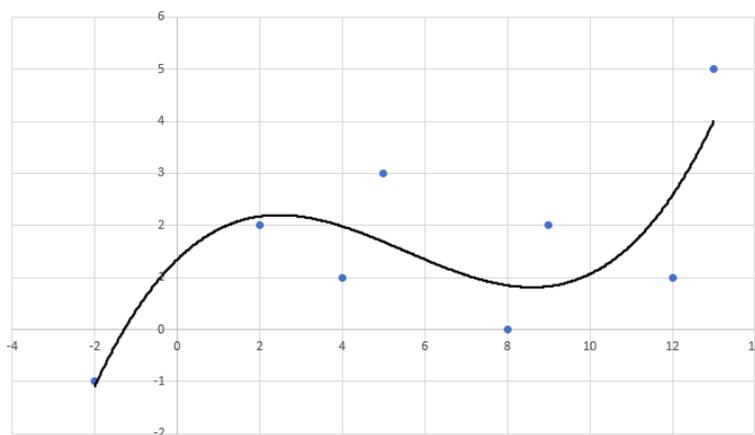
Fazer uma análise discursiva é destacar enunciados. Veiga-Neto (2017, p. 94) nos diz que o enunciado “não é nem uma proposição, nem um ato de fala, nem uma manifestação psicológica de alguma entidade que se situasse abaixo ou mais por dentro daquele que fala”. Isso significa que a análise do discurso não é uma análise de conteúdos, nem se trata de uma análise interpretativa ou descritiva. É sim um esvaziamento do sujeito, no sentido de que ele não diz aquilo que pensa, mas aquilo que é possível enunciar num determinado espaço e numa determinada época, mediante regras explícitas ou implícitas. “O sujeito não é dado *a priori*, resulta de uma estrutura complexa, tem existência no espaço discursivo” (FERNANDES; SÁ, 2021, p. 41). Por isso, analisar o discurso também é analisar como os sujeitos se constituem e como as verdades são instituídas em determinado espaço e tempo.

Segundo Foucault (2017^a, p. 133), “o enunciado é, ao mesmo tempo, não visível e não oculto”, o que exige do pesquisador e da pesquisadora “uma certa conversão do olhar e da atitude para poder conscient-lo e conscient-lo em si mesmo” (id., p. 135). Por isso, no trabalho de busca pelos enunciados, é necessário “abrir as palavras, as frases, as proposições [...]. É preciso extrair das palavras e da língua os enunciados correspondentes a cada estrato e a seus limiares” (DELEUZE, 2005, p. 62). Para Deleuze, o enunciado seria uma curva que perpassa as enunciações de mesma natureza que se encontram dispersas na materialidade específica a ser analisada.

O que conta é a regularidade do enunciado: não é uma média, mas uma curva. O enunciado, com efeito, não se confunde com a emissão de singularidades que ele supõe, mas com o comportamento da curva que passa na vizinhança delas, mais geralmente com as regras do campo em que elas se distribuem e se reproduzem. É isso que é uma regularidade enunciativa (DELEUZE, 2005, p. 16).

Assim sendo, a análise do discurso passa pela necessidade de identificarmos regularidades enunciativas (singularidades) que, a título de comparação com a curva citada por Deleuze (2005) e devido nossa atuação como professores de matemática, a visualizamos como sendo uma linha de tendência aproximada por uma série de dados estatísticos. Um exemplo pode ser visto na Figura 1, em que o enunciado (curva preta) é estabelecido como a “curva ótima” definida pelos pontos azuis que são as singularidades, ou enunciações contidas na materialidade, já que “os enunciados são estabelecidos [...] a partir de enunciações” (SARTORI, 2019, p. 39).

Figura 1 – Ilustração de linha de tendência



Fonte: Assunção (2022, p. 122).

Ressaltamos que essa curva de tendência é uma metáfora, dado que seu objetivo é prever valores futuros, o que não é o caso do enunciado. Essa curva de que falava Deleuze (2005) é do momento atual e não do futuro, até porque o enunciado pode mudar e até se

tornar contrário no decorrer do tempo. Por isso, poderíamos pensar os eixos coordenados como sendo o tempo e o espaço, exatamente, para demarcar a temporalidade e espacialidade do enunciado, que pode sofrer variação em outros momentos históricos.

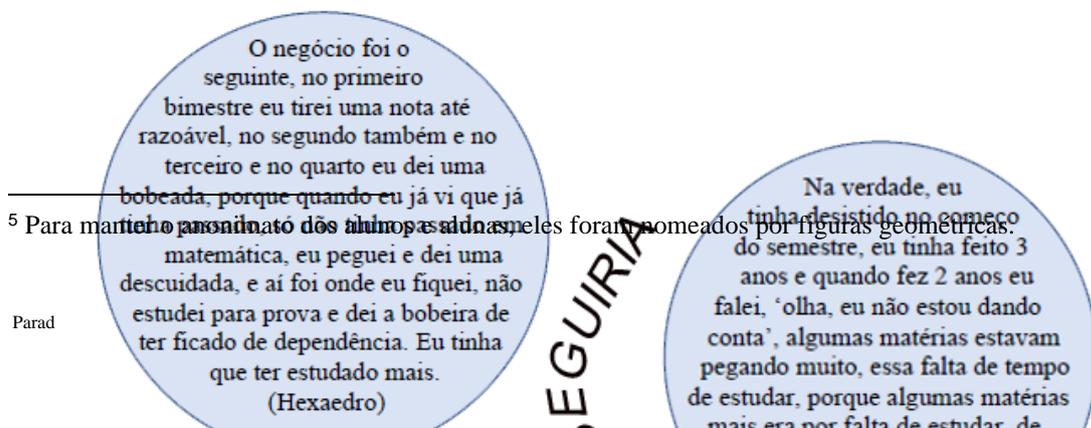
Além disso, considerar o enunciado como uma curva, significa considerar o enunciado como uma função enunciativa, que, como toda função, depende de regras bem definidas. Foucault (2017^a) destaca quatro regras, ou elementos básicos, para a existência do enunciado: um referente, um sujeito, um campo associado e uma materialidade específica. Fischer (2001, p. 202) nos esclarece que um referente diz respeito a “um princípio de diferenciação”; que um sujeito é “no sentido de ‘posição’ a ser ocupada”; que um campo associado significa “coexistir com outros enunciados”, e uma materialidade específica trata-se de “coisas efetivamente ditas, escritas, gravadas em algum tipo de material, passíveis de repetição ou reprodução”.

O enunciado que será apresentado nesse artigo –‘se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria’-, e que foi destacado mediante a leitura atenta das textualizações que compõem o *corpus* de pesquisa, resultado do que converteu nosso olhar, tem como referente os processos de exclusão pela matemática (no caso, a dependência na disciplina de matemática do EMI e a evasão no curso e Licenciatura em Matemática do *Campus* Urutaí); o sujeito são os alunos e as alunas que foram entrevistados (aqui pensado como a posição sujeito-aluno que sofreu um processo de exclusão pela matemática e não a aluna Circunferência, ou o aluno Hexaedro⁵ etc.); a materialidade específica é composta pelas textualizações que compõem *corpus* da pesquisa e o campo associado é o discurso neoliberal e o religioso.

Enunciado: ‘Se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria’

Se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria a aprovação na disciplina de matemática no EMI, e não teria ficado de dependência. Se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria concluir o curso de Licenciatura em Matemática. Há uma regularidade que incide em um movimento de culpabilização/responsabilização que aparece nas enunciações dos alunos e alunas que concederam as entrevistas narrativas, como pode ser visto na Figura 2.

Figura 2 – Ilustração do enunciado



⁵ Para manter o anonimato dos alunos e alunas, eles foram nomeados por figuras geométricas.

Fonte: Assunção (2022, p. 148).

As subjetividades geradas pela culpabilização/responsabilização constituem os alunos e as alunas como sujeitos-alunos/sujeitas-alunas-responsáveis pelo seu fracasso, seja na disciplina de matemática no EMI, seja no curso de Licenciatura em Matemática. Em

outras palavras, eles e elas se colocam na posição de sujeitos/sujeitas culpados e culpadas pelo próprio processo de exclusão engendrado pelo currículo de matemática.

Esse enunciado – ‘se eu tivesse me esforçado mais, eu conseguiria’ – se associa a outros enunciados de mesma natureza que compõem as formações discursivas do campo do neoliberalismo e religioso. Essa análise que empenhamos em fazer foi/é necessária, uma vez que, como vimos na seção anterior, descrever o campo discursivo associado é um dos elementos básicos, ou uma das quatro regras para a existência do enunciado.

Assim sendo, vamos, inicialmente, abordar o campo discursivo do neoliberalismo, uma racionalidade que ascende do liberalismo econômico, que coloca o indivíduo e a sociedade numa lógica empresarial, sendo a concorrência a operadora dessa lógica. Por isso, o indivíduo figura como sendo o único responsável pelo seu fracasso ou sucesso, pois depende, exclusivamente, das escolhas e do esforço que faz ao longo da vida.

Entender o neoliberalismo sob essa ótica pode causar algum tipo de espanto ou estranhamento, uma vez que temos o hábito de reduzir ou equiparar o neoliberalismo ao caráter político e econômico/capitalista da sociedade, principalmente a ocidental, mas seguimos um entendimento de alguns autores e autoras de que não é apenas isso. Segundo Brown (2019b, p. 20),

o neoliberalismo é comumente compreendido como um conjunto de políticas econômicas que promove ações sem restrições, fluxos e acumulações de capital por meio de tarifas baixas e impostos, desregulamentação das indústrias, privatização de bens e serviços previamente públicos, desmonte do Estado de bem-estar social e a destruição do trabalhismo organizado. Foucault e outros nos ensinaram também a compreender o neoliberalismo como uma racionalidade governamental que gera tipos distintos de sujeitos, de formas de conduta e de ordens de sentido e valor social.

Dessa forma, o neoliberalismo, além do aspecto político e econômico, é também uma racionalidade reguladora da sociedade e dos indivíduos, sendo a forma de regulação pautada na competição entre os indivíduos, ou no princípio da concorrência. “O neoliberalismo pode ser definido como o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 17).

O Estado, visando manter o princípio da concorrência, passa a ter um papel de regulação para garantir a liberdade individual e a livre e justa competição entre empresas e indivíduos. Para isso, deve oferecer poucos serviços públicos e sem nenhuma preocupação com o assistencialismo social. O pouco serviço público ofertado deve ter um padrão de

qualidade, uma vez que o Estado também integra a lógica de mercado, em que seus serviços concorrem com os prestados pelas empresas privadas. Logo, o Estado regula, mas também é regulado pela lógica concorrencial, uma vez que “a racionalidade neoliberal tem como característica principal a generalização da concorrência” (LAVAL, 2020, p. 17) e busca por uma “sociedade, ao mesmo tempo, como um conjunto de empresas e como uma sociedade empresarial” (SAMPAIO, 2019, p. 83).

No tocante ao indivíduo, nessa lógica cabe a ele ser uma pessoa bem-sucedida nesse jogo concorrencial, dado que é uma pessoa livre e responsável por suas ações. Ele deve ser um empresário de si, agindo como uma empresa, assim como a sociedade/estado é. Segundo Dardot e Laval (2016, p.238), o indivíduo “deve maximizar seus resultados, expondo-se aos riscos e assumindo a inteira responsabilidade por eventuais fracassos”. A ordem é jamais fracassar, mas sempre obter sucesso. Logo, o indivíduo neoliberal se torna desejoso em alcançar sucesso mediante o próprio esforço, e se regozija muito com isso, uma vez que, “qualquer pessoa que se esforce vai ter êxito: é a capacidade de esforçar-se o que importa”⁶ (SANTOMÉ, 2017, p. 83, tradução nossa).

O indivíduo neoliberal é empreendedor contumaz, dado que “a própria ideia de empreender, de empreendedorismo, está atrelada à concepção de inovadores astuciosos e inteligentes que alcançam o sucesso (MARINHO, 2020, p. 133). São as escolhas e os esforços individuais que irão definir se o indivíduo terá sucesso ou não. Por isso, o indivíduo neoliberal adora novos desafios, é resiliente e aceita o fracasso como inteiramente de sua responsabilidade. O estado jamais é culpabilizado, corroborando uma das principais ideias do liberalismo econômico: o estado mínimo.

Nessa direção, caso ele não tenha nenhum talento nato, ele deve se preparar, deve investir em si mesmo, incrementar seu capital humano, conceito “associado principalmente ao nome de Gary Becker, da Escola de Chicago. Esse conceito implica uma relação a si mesmo marcada pela exigência de autovalorização constante, mediada pela lógica da mercadoria” (FRANCO *et al.*, 2021, p. 48). É por isso que as pessoas devem buscar uma formação “pois, ao investir financeiramente na própria formação, o sujeito se concebe necessariamente como uma empresa que deve prospectar novos mercados e optar pelas possibilidades mais lucrativas e seguras” (SILVA JUNIOR, 2021, p. 269). Detalhe importante: essa formação deve abranger todos os setores da vida (cultura, bem-estar, família, religião, seguridade social e financeira etc.), e por toda a sua vida.

⁶ *Cualquier persona que se esfuerce va a tener éxito: es la capacidad de esforzarse lo que importa.*

O indivíduo neoliberal goza de todo o direito de tomar decisões individuais com vistas a alcançar o sucesso. A liberdade e o individualismo do indivíduo são direitos inalienáveis da racionalidade neoliberal. Também entram nessa lista de características do indivíduo neoliberal: a ousadia, a criatividade, a autonomia e a busca incessante pela felicidade. De acordo com Fernandes Júnior (2015, p. 192), “a imposição da felicidade, como uma questão de ordem, pode não atingir a todos da mesma maneira, pois há distintos processos de subjetivação que se veem na obrigação de serem felizes e afastarem a tristeza cotidiana, apelando para soluções imediatas e rápidas”. Perceba o emaranhado que compõe a racionalidade neoliberal.

Caso o indivíduo não consiga um bom emprego, não tenha uma posição social importante, contraia doenças (por ele provocada), acumule insucessos, tenha problemas na vida pessoal, ou adquira problemas financeiros, isso é resultado de suas más escolhas em conjunto com a falta de formação adequada no decurso de sua existência. Assim, o neoliberalismo opera uma racionalidade que promove uma excessiva autocrítica, resultando, frequentemente, em uma responsabilização de si pelos fracassos.

Este trabalho político de responsabilização está associado a numerosas formas de “privatização” da conduta, já que a vida se apresenta somente como resultado de escolhas individuais. O obeso, o delinquente ou o mau aluno são responsáveis por sua sorte. A doença, o desemprego, a pobreza, o fracasso escolar, a exclusão são vistos como consequência de cálculos errados. A problemática da saúde, da educação, do desemprego e da velhice confluem numa visão contábil do capital que cada indivíduo acumularia ao longo da vida. As dificuldades da existência, a desgraça, a doença e a miséria são fracassos dessa gestão, por falta de previsão, prudência, seguro contra riscos. (DARDAT; LAVAL, 2016, p. 230)

A racionalidade neoliberal imputa subjetividades para que o indivíduo possa se governar e se conduzir, sendo que o mais perverso é que “tomamos esses efeitos como normais e até chegamos a acreditar que são necessários” (VALERO, 2018, p. 63), tudo com vistas de atingir o ápice produtivo dentro de uma matriz institucional-econômica, em que sua “vida é determinada pela genética, responsabilidade pessoal e competição no mercado” (BROWN, 2019a, p. 57). Importante pontuar que essa responsabilidade pessoal, implementada por uma “responsabilização neoliberal, a qual acaba por estabelecer e naturalizar a ausência dos serviços públicos e por culpabilizar os indivíduos ou por seu fracasso ou por seu sucesso” (MARINHO, 2020, p. 235), faz com que os indivíduos sejam, de fato, responsáveis pelo seu empresariamento e pela prevenção de todo e qualquer risco.

Os alunos e as alunas que participaram da pesquisa de doutorado, cujo recorte de um dos resultados está sendo discutido neste artigo, fazem parte desse conjunto de indivíduos

neoliberais, ainda mais por estudarem numa instituição de ensino técnico, cujo objetivo é dar uma formação profissional a nível de Ensino Médio, para que o estudante, ao se formar, já esteja habilitado para o mercado de trabalho. Isso coloca a instituição a serviço dos interesses neoliberais, uma vez que “é à escola que se atribui a tarefa de proporcionar ao indivíduo a formação e o desenvolvimento de suas competências e capacidades, tornando seu comportamento adequado às necessidades do mercado” (RESENDE, 2018, p. 89). Laval (2019, p. 129) reforça essa ideia, ao dizer que “a escola é encarada com um propósito profissional, para fornecer mão de obra adequada às necessidades da economia”.

Não podemos deixar de citar, ainda sobre isso, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que, desde 2022, tornou-se a estrutura curricular operante na instituição. Olhando para as 10 competências gerais base, cuja organização pedagógica se dá mediante o desenvolvimento de competências e habilidades nas alunas e nos alunos, fica evidente que a base “carrega em si o sonho iluminista da universalização de direitos no tocante ao acesso ao conhecimento acumulado e à qualidade da educação que se realizaria pela distribuição igualitária e isonômica desses conhecimentos” (CURY *et al.*, 2018, p. 53), embora se perceba a predominância de um tecnicismo que visa formar alunos e alunas capacitados para o mercado, com fins de contribuir para a manutenção dos interesses econômicos do país, dado que é “impossível compreender a Base sem investigar o cenário desenhado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que reconhecidamente influencia políticas públicas educacionais brasileiras” (id., p. 78).

Por tudo isso, subjetivados e subjetivadas pelos enunciados do campo discursivo neoliberal, as alunas e os alunos se entendem como os responsáveis/culpados, seja pelo insucesso na disciplina de matemática, no EMI, seja pela não conclusão do curso de Licenciatura em Matemática. Eles e elas se entendem responsáveis/culpados por não conseguirem conciliar os estudos com: o trabalho (até porque, se estivessem na idade certa, não deveriam estar trabalhando, mas apenas estudando); com os problemas familiares e pessoais; e com os diversos aspectos da vida pessoal (inclusive os gerados ao frequentar o instituto), embora poderiam conseguir o sucesso, se esforçassem mais, se estudassem mais, se preparassem melhor. Isso acontece porque “em um mundo onde tudo depende de capacidade para esforçar-se, qualquer meta ou propósito tem que ser possível, pois tudo

consiste em dedicar mais tempo, sendo que quem fracassa é muito difícil de não se auto culpar”⁷ (SANTOMÉ, 2017, p. 73, tradução nossa).

Da mesma forma que o discurso neoliberal, o discurso religioso gera subjetividades na direção da culpabilização do indivíduo. Nosso recorte será o cristianismo, em especial o catolicismo, por entender que ele influenciou/influencia a sociedade ocidental. Começamos trazendo um momento da missa, principal celebração da igreja Católica, que se chama Ato Penitencial, onde os fiéis proferem a seguinte frase: *confesso a Deus todo poderoso, e a vós, irmãos e irmãs, que pequei muitas vezes por pensamentos e palavras, atos e omissões, por minha culpa, minha tão grande culpa, e peço à virgem Maria, aos anjos e santos e a vós, irmãos e irmãs, que rogueis por mim a Deus nosso senhor. Senhor, tende piedade de nós. Cristo, tende piedade de nós. Senhor, tende piedade de nós*⁸. Esses enunciados, profundos, devem ser repetidos por todas e todos os fiéis, em todas as missas, para que as pessoas nunca se esqueçam que Deus tem que ter piedade delas porque são pecadoras desde o nascimento (pecado original de Eva).

Nessa mesma direção, trazemos uma passagem da Bíblia, principal livro do cristianismo. Trata-se do Salmo 51, versículos 1-4⁹, que versa sobre o arrependimento.

1 Tem misericórdia de mim, ó Deus, por teu amor; por tua grande compaixão apaga as minhas transgressões. 2 Lava-me de toda a minha culpa e purifica-me do meu pecado. 3 Pois eu mesmo reconheço as minhas transgressões, e o meu pecado sempre me persegue. 4 Contra ti, só contra ti, pequei e fiz tudo o que reprovavas, de modo que justa é a tua sentença e tens razão em condenar-me.

Todo esse aparato discursivo/performativo serve para lembrar que todo ser humano é pecador, pois “o pecado é aquilo que separa o homem de Deus” (GAARDER *et al.*, 2000, p. 149). “O pecado é sobretudo um conceito religioso” (id., p. 149), que liga o indivíduo à culpa, dado que “é comum que os sentimentos de culpa venham após o pecado” (id., p. 167). Trata-se, portanto, de um mal necessário para a condução da conduta da e do cristão, que deve, a todo custo, se desviar do pecado, ou, não praticar (e nem pensar) algumas coisas que foram determinadas como pecado ao longo da história, por um grupo de homens, em reuniões denominadas de concílio.

⁷ *En un mundo donde todo depende de capacidad para esforzarse, cualquier meta o propósito tiene que ser posible, pues todo consiste en dedicar más tiempo, de ahí que quienes fracasan tienen muy difícil no autoculpabilizarse.*

⁸ Esse trecho pode ser encontrado em: http://www.arquisp.org.br/sites/default/files/folheto_povo_deus/ano_45-b-38-11o-domingo-do-tempo-comum.pdf, que trata-se do folheto que é distribuído a todas e todos os fiéis para a celebração da missa.

⁹ Disponível em: https://www.bibliaon.com/salmos_51.

No caso de cometer algum deslize, o sujeito-cristão deve confessar todos os seus atos pecaminosos, dos quais é sempre culpado, mediante técnicas de exame ou procedimentos de confissão. Isso significa que, além do ato penitencial na missa, a e o fiel cristão devem se confessar regularmente com o padre, momento em que se confessam culpados ou culpadas, dizem a verdade (inclusive aquelas mais íntimas), se mostram arrependidos e esperam a absolvição divina, uma vez que, ao confessar, o indivíduo “tinhas de confessar seu pecado (*fatereris*), reconhecer tua consciência (*350onscientizam*), fazer penitência de suas faltas (*paenitentiam gerere*)” (FOUCAULT, 2020, p. 99), tudo isso com vistas a não ir para o inferno depois da morte, ou à salvação, embora, devemos advertir que “a salvação, para Foucault, longe de constituir a teologia imanente ao processo de desenvolvimento da Igreja, não é senão o pretexto pelo qual o cristianismo justificou a pretensão de governar o conjunto dos homens em sua vida mais cotidiana” (SENELLART, 2012, p. 73). Conclui-se, então, que a confissão passa pela vigilância dos homens e dele de si mesmo. “O poder sobre si mesmo, do qual o confessor é o primeiro depositário, passa pela obrigação de vigiar-se continuamente e de dizer tudo acerca de si mesmo” (LARROSA, 1994, p. 74).

Foucault (2020, p. 187) resume bem tudo o que foi apresentado até aqui, ao dizer que “a confissão tem uma força operatória que lhe própria: ela diz, ela mostra, ela expulsa, ela liberta”. E essa libertação, ou remissão dos pecados, é feita por intermédio de ações determinadas pelo padre, que vão desde a reza de um rosário, até a realização de uma novena/trabalhos sociais na paróquia, ou a doação de cestas básicas, entre outras. Importante entender que, apesar de serem ações concretas, a “penitência não é um ‘ato determinado’, mas um *status* que envolve a execução de um número diferente de práticas que permitem que uma pessoa que tenha pecado se torne reintegrada na comunidade religiosa” (TAYLOR, 2018, p. 223-224). E, tudo isso, a e o fiel católico devem fazer sozinho, sem a ajuda de outras pessoas, pois “na mística cristã, busca-se, incessantemente, a individualização” (CANDIOTTO, 2012, p. 16).

Toda essa teia faz com que o indivíduo cristão se constitua como sujeito culpado por todos os seus atos pecaminosos, não sendo exagerado fazer essa afirmação, uma vez que “é relativamente fácil reconhecer [...] um tipo de moralidade da qual se atribui ao cristianismo a origem, em certos casos o mérito, mais frequentemente a culpa” (FOUCAULT, 2016, p. 16). Também, porque, segundo Albuquerque Júnior (2012, p. 142), “a culpabilização é o principal dispositivo para a elaboração de subjetividades, para a produção de sujeitos no discurso católico e cristão”.

Essa posição-sujeito, constituída pela moral cristã, não fica restrita às paredes do templo, mas se infiltra em todo o tecido social, ditando modos de ser, de se comportar e de viver em sociedade, uma vez que

se deriva da religião católica e romana tudo o que tem a ver com as concepções de mundo, como os modos de comportar-se ética e responsabilmente, o que estará facilitando a conformação de personalidades que aceitam resignada e passivamente tudo o que lhes acontece, seres medrosos e inseguros, e a que se cercaram suas capacidades de arriscar-se a pensar, a transformar-se em seres criativos, inovadores, solidários, democráticos e justos.¹⁰ (SANTOMÉ, 2017, p. 194, tradução nossa)

Corroborando com isso, Foucault (2020, p. 451) escreve que podemos tomar o “cristianismo por regras de vida, artes de se conduzir e de conduzir os outros, técnicas de exame ou de procedimentos de confissão”. Isso vai ao encontro com o que ele chamou de poder pastoral. Para o filósofo, “esse poder é de origem religiosa. [...] que pretende conduzir e dirigir os homens ao longo de toda a sua vida e em cada uma das circunstâncias dessa vida” (FOUCAULT, 2017b, p. 50). Antigamente isso era realizado de forma mais acintosa, embora estejamos vivendo um movimento de retorno/conservação aos/dos bons costumes, em grande parte, ditada pela Igreja, a saber: casamento monogâmico entre pessoas de sexo oposto; castidade; sexo depois do casamento e com fins reprodutivos; submissão da mulher ao homem; pagamento de dízimo para ter acesso ao reino dos céus; crença na salvação depois da morte; atos penitenciais; o exercício da caridade, dentre outros.

A título de curiosidade, em torno de 70% dos alunos e alunas que foram entrevistados para a produção do *corpus* de pesquisa, disseram ser da religião cristã, seja na igreja Católica, ou nas igrejas Protestantes ou Evangélicas, o que significa que foram subjetivados pela moralidade do cristianismo, embora, como estamos discutindo, mesmo aqueles e aquelas que dizem pertencer a outra religião, ou a nenhuma delas, elas e eles são atravessados por essa moral, dado que “a racionalidade moderna enraizou-se, primeiro, no poder pastoral e, posteriormente, na razão de Estado, aliando tecnologias burocráticas e tecnologias pastorais” (GARCIA, 2002, p. 71) e porque “o cristianismo é a filosofia de vida que mais fortemente caracteriza a sociedade ocidental [...]. Assim, conhecer o cristianismo é pré-requisito para compreender a sociedade e a cultura em que vivemos” (GAARDER *et al.*, 2000, p. 137).

¹⁰ *Se deriva a la religión católica y romana todo lo que tiene que ver con las concepciones del mundo, con los modos de comportarse ética y responsablemente, lo que se estará es facilitando la conformación de personalidades que aceptan resignada y pasivamente todo lo que les acontece, seres miedosos e inseguros, y a quienes se cercenaron sus capacidades de arriesgarse a pensar, a transformarse en seres creativos, innovadores, solidarios, democráticos y justos.*

Outro ponto interessante, que consta no *corpus* de pesquisa, é que uma aluna e um aluno entrevistados disseram que cursaram o Ensino Fundamental numa escola confessional gerida pela Igreja Católica, que compõe a Rede Educacional Franciscana (REF). O primeiro autor também estudou, da quinta à oitava série, numa escola da REF, que, hoje, não existe mais na cidade. Ele se lembra claramente como era o clima naquela escola, de como as irmãs conduziam as atividades pedagógicas, das orações que tinham que fazer antes de começar as aulas (e durante a permanência na escola), dos símbolos cristãos espalhados pela escola e dos castigos impostos mediante alguma situação contrária à filosofia da escola.

Consta, no *site* da REF¹¹, que a missão da instituição é “acolher e educar a pessoa, proporcionando-lhe uma formação integral, pautada nas virtudes humanas, cristãs e franciscanas, capacitando-a para viver a paz e o bem no exercício da cidadania e no cuidado com a natureza”. Parece bonito, mas “não devemos ignorar que uma educação confessional dificulta por completo uma educação reflexiva e crítica”¹² (SANTOMÉ, 2017, p. 126, tradução nossa), ainda mais porque os colégios dessa rede, assim como os demais colégios e universidades ligadas às igrejas cristãs, são instituições cujos currículos têm raízes no modelo educacional praticado pelos jesuítas, que chegaram ao Brasil na ocasião da “descoberta” por Portugal. Segundo Nogueira (2020, p. 36-37),

para que o projeto de colonização das terras brasileiras fosse bem-sucedido, a Coroa portuguesa contou com a colaboração da Companhia de Jesus. [...] A Ordem dos Jesuítas é produto de um interesse mútuo entre a Coroa de Portugal e o Papado. Ela era útil à Igreja e ao Estado emergente. Os dois pretendiam expandir o mundo, defender novas fronteiras, somar forças, integrar interesses leigos e cristãos, organizar o trabalho no Novo Mundo pela força da unidade lei-rei-fé.

Resumidamente, a missão dos jesuítas era a de catequisar e converter as pessoas para o cristianismo, além de educar e impor sua moralidade, que, como já discutimos, se expandiu para a todos os setores da sociedade, inclusive, para a instituição família. Não temos nenhuma dúvida de que a família é atravessada e constituída pelo discurso religioso, além de ser uma instituição de suma importância para a constituição de sujeitos sociais, dado que os “regimes disciplinares [...] se encontram nas escolas, nos hospitais, nas casernas, nas oficinas, nas cidades, nos edifícios, nas famílias” (FOUCAULT, 2017c, p. 237). Inclusive, a escola e a família têm diversas intersecções, dado o caráter educativo dessas duas instituições, que muito interferem nos processos de subjetivação das crianças.

¹¹ <https://refeduc.com.br>.

¹² *No debemos ignorar que una educación confesional dificulta por completo una educación reflexiva y crítica.*

Vale comentar que, além de atravessada e constituída pelo discurso religioso, a família é também atravessada e constituída pelo neoliberalismo, o que contribui, ainda mais, no processo de culpabilização/responsabilização das e dos filhos. Segundo Lemos *et al.* (2013, p. 754),

atualmente, a agenda dos bancos e dos Estados governamentalizados pela racionalidade neoliberal está marcada pela preocupação em cuidar de cada decisão de um casal e de uma família no plano da educação, saúde e aquisição da cultura em termos de investimentos econômicos, em uma lógica de que cada um de nós se torne um empresário de si mesmo e, em tudo que fizermos, pensemos no fomento de uma vida a capitalizar nos mínimos detalhes até mesmo nos aspectos dos relacionamentos de amizade e afetivos.

São os pais e as mães que devem fazer, inicialmente, com que seus filhos e suas filhas entendam/aceitem que suas conquistas irão depender de seu esforço individual ao longo da vida. E, já que voltamos ao discurso neoliberal, não podemos deixar de comentar que o neoliberalismo também se utiliza do conservadorismo religioso para alcançar seus propósitos.

Os valores que a religião promove, o ataque a filosofia e aos ideais do Iluminismo e, em especial, ao exercício da crítica e da razão a subjugação da ciência, a desconfiança nos seres humanos a quem considera-se muito limitado para analisar, valorar, decidir e intervir no curso da história, convertem esse tipo de sentido católico conservador comum no aliado perfeito para seguir adiante com políticas e práticas neoliberais, para construir um sentido conformista comum e uma sociedade igualmente conformista, cujos habitantes não consideram assuntos estranhos como próprios, que facilitam o desvio de atenção dos cidadãos para as políticas econômicas e financeiras, que não prestem atenção nas desigualdades, nos roubos, exploração de recursos naturais de países que a ciência e o conhecimento colonialista, racista, sexista e de Império etnocida, construiu e viabilizou como inferiores, como subalternos.¹³ (SANTOMÉ, 2017, p. 127-128, tradução nossa)

Isso mostra o quanto os dois discursos aqui explanados, o neoliberal e o religioso, se apresentam de forma complementar, e o quanto parece ser difícil escapar deles. O importante é ter clareza de seus funcionamentos, e buscar pontos de resistência, de fuga a essa racionalidade da culpabilização/responsabilização e da cultura do esforço, da meritocracia.

¹³ *Los valores que promueve la religión, el ataque a la filosofía y a los idearios de la Ilustración y, en especial, al ejercicio de la crítica y de la razón; a la subyugación de la ciencia, a la desconfianza en los seres humanos a quienes considera muy limitados para analizar, valorar, decidir e intervenir en el curso de la historia, convierten este tipo de sentido común católico conservador en el aliado perfecto para sacar adelante políticas y prácticas neoliberales, para construir un sentido común conformista y una sociedad igualmente conformista, cuyos habitantes no consideran como asunto propio los asuntos ajenos, lo que facilita que desvíen las miradas de la ciudadanía de las políticas económicas y financieras, que no presten atención a la desigualdad de los intercambios, robos, expoliaciones de recursos naturales de países que la ciencia y el conocimiento colonialista, racista, sexista y etnocida del Imperio, construyó y visibilizó como inferiores, como subalternos.*

Os enunciados desses discursos aparecem dispersos em peças publicitárias veiculadas nos veículos de comunicação, seja no rádio ou na televisão. Um exemplo que nos vem à cabeça, são as propagandas do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) de 2017¹⁴, organizadas pelo MEC e amplamente divulgadas nas redes de televisão, em que a cultura do esforço e do mérito aparece quando é enunciado que “quem se preparar vai se dar bem”. Além desses veículos de comunicação, as mídias digitais (redes sociais, por exemplo), livros e trabalhos acadêmicos também são espaços de circulação dos enunciados dos discursos tratados nessa seção.

Finalizamos dizendo que estamos na torcida para que ficar de dependência na disciplina de matemática ou que evadir do curso de Licenciatura em Matemática, não sejam pecados, porque, se forem, a salvação de nossas alunas e alunos entrevistados está comprometida, e isso vai nos obrigar a entrar em contato com eles e elas, para avisar da necessidade de se confessar e assumir essa grande culpa, embora, como discutimos nessa seção, elas e eles já façam isso.

Considerações Finais

Os alunos e as alunas do *Campus* Urutaí, que participaram da pesquisa, fazem parte do conjunto de indivíduos que são atravessados pelos enunciados dos discursos neoliberal e religioso, assim como o currículo de matemática do EMI e do curso de Licenciatura em Matemática, os cursos que foram considerados na pesquisa. Devido aos processos de subjetivação imanentes, algumas alunas e alguns alunos se entenderam/constituíram como responsáveis, como culpados pelo processo de exclusão engendrado pelo currículo de matemática, seja por terem ficado de dependência na disciplina de matemática no EMI, seja por não concluírem o curso de Licenciatura em Matemática.

Eles e elas se sentem responsáveis por não conseguirem conciliar os estudos com o trabalho, questões pessoais e os diversos aspectos de suas vidas (família, problemas de saúde, problemas financeiros etc.). A necessidade de trabalho, junto ao tempo de dedicação aos estudos¹⁵, geram uma sobrecarga que inviabiliza bons resultados. Mesmo assim, os discursos que atravessam esses sujeitos operam fazendo com que eles e elas achem que

¹⁴ Uma delas pode ser vista em https://www.youtube.com/watch?v=LyPM3VoBJ_8.

¹⁵ O EMI tem uma grade curricular extensa, por ser uma junção do Ensino Médio “normal” com a parte técnica, o que praticamente dobra o número de disciplinas. Isso exige muito dos alunos e alunas, que estudam o dia todo. A Licenciatura em Matemática também tem uma grade curricular extensa e, mesmo acontecendo no noturno, tem algumas atividades nos outros períodos, como projetos e o estágio, que impossibilita a participação efetiva dos alunos e das alunas que trabalham durante o dia. Junta-se a isso, os enunciados que colocam a matemática como uma disciplina que necessita de dedicação para aqueles que não são iluminados, escolhidos, inteligentes.

poderiam conseguir o sucesso se eles e elas se esforçassem e estudassem mais. Para eles e elas, o mérito do triunfo ou não, é deles e delas mesmos.

Trata-se de uma lógica perversa, que exime as diversas responsabilidades entorno do ambiente educacional, como a gestão/estrutura das instituições de ensino, a atuação dos servidores/professores, as intencionalidades do currículo, os investimentos/políticas governamentais e a participação da comunidade/família. A responsabilidade cai inteiramente no colo do aluno e da aluna, que, diante da vergonha do fracasso, não vai responsabilizar outras esferas, e vai correr atrás para se recuperar e, assim, conseguir triunfar de alguma forma, nem que seja em outra profissão. Definitivamente, quando isso acontece, não é apenas ele ou ela quem perde.

Interessante pensar como essa lógica é naturalizada, dado que, quase sempre, aceitamos que as regras do jogo (o currículo de matemática) são as mesmas para todos os jogadores e jogadoras. Mas isso é uma inverdade, uma vez que as condições de jogo, assim como cada jogador e jogadora, são diferentes e dependem de diversas condições, que não apenas deles mesmos. William Pinar já dizia isso, quando nos ensina que devemos compreender o currículo não como substantivo, mas como verbo, como atividade (SILVA, 2017). Por isso, a necessidade de que os alunos e as alunas entendam as regras do jogo e resistam a elas, dado que elas buscam fixar modos de ser e processos de subjetivação que compilam a aceitação de que são eles e elas são as e os culpados pelos processos de exclusão engendrados pelo currículo de matemática. Como tentamos argumentar nesse texto, o problema da exclusão não é pessoal, mas estrutural.

É óbvio que nos posicionamos contrariamente aos discursos aqui explanados, uma vez que, quando os alunos e alunas sofrem algum processo excludente, não acontece por sua culpa/responsabilidade, mas acontece em decorrência de uma racionalidade que privilegia alguns em detrimento de outros, e que os subjetiva para se acusarem culpados/responsáveis.

Concluimos que os e as estudantes produzem subjetividades, a partir da forte influência do currículo da instituição que, embora não tenha essa intenção, acaba por provocar culpa, responsabilização nos estudantes. O currículo jamais é problematizado, mas sim os próprios estudantes que admitem (confessam) não terem capacidade para se enquadrar em algo que está acima do bem e do mal: o currículo de matemática.

Apontamos para uma urgente necessidade de iniciar um processo que leve em conta a multiplicidade de estudantes, com suas realidades e vidas que são ignoradas pelo sistema educacional. Essa mudança só ocorrerá a partir do conhecimento sobre os estudantes, algo que essa pesquisa apresenta de forma explícita.

Por fim, é importante perguntar: na concretude de uma instituição de ensino e dos seus estudantes e docentes, quais currículos operam a inclusão? Essa resposta não é universal, portanto, o currículo é algo a ser pensado a cada momento, em cada espaço educativo, a partir das motivações em jogo e do que se espera como objetivo para o grupo envolvido no processo.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Munis de. A Pastoral do Silêncio: Michel Foucault e a Dialética entre Revelar e Silenciar no discurso Cristão. In: CANDIOTTO, Cesar e SOUZA, Pedro de (organizadores). **Foucault e o Cristianismo**. Coleção Estudos Foucaultianos, 10. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

ASSUNÇÃO, Ricardo Gomes. **Processos de Exclusão pela Matemática: enunciados de alunos e alunas do Ensino Médio Integrado e do Ensino Superior**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022.

BROWN, Wendy. O Frankenstein do neoliberalismo: liberdade autoritária nas “democracias” do século XXI. In: RAGO, Margareth e PELEGRINI, Mauricio (Orgs.). **Neoliberalismo, feminismo e contracondutas: perspectivas foucaultianas**. Coleção Entregêneros. São Paulo, SP: Intermeios, 2019b.

BROWN, Wendy. **Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente**. Tradução: Mario Mariano A. e Eduardo Altheman C. Santos, SP: Filosófica Politeia, 2019^a.

CURY, Carlos Roberto Jamil; REIS, Magali e ZANARDI, Teodoro Adriano Costa. **Base Nacional Comum Curricular: dilemas e perspectivas**. São Paulo, SP: Cortez, 2018.

DARDOT, Pierre e LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo: Ensaio sobre a Sociedade Neoliberal**. Tradução Mariana Echalar. São Paulo, SP: Boitempo, 2016.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução MARTINS, Claudia Sant’Anna. São Paulo, SP: Brasiliense, 2005.

FERNANDES JÚNIOR, Antônio. A felicidade em práticas discursivas contemporâneas. In: SOUSA, Kátia Menezes e PAIXÃO, Humberto Pires da (Orgs.). **Dispositivos de poder/saber em Michel Foucault: biopolítica, corpo e subjetividade**. São Paulo, SP: Intermeios; Goiânia. GO: UFG, 2015.

FERNANDES, Cleudemar Alves; SÁ, Israel de. **Análise do Discurso: Reflexões introdutórias**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a Análise do Discurso em Educação**. Cadernos de pesquisa (Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300009&script=sci_abstract&tlng=pt), n. 114, p. 197-223, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves. 8. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2017^a.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 4: As Confissões da Carne**. Compilação: Frédéric Gros. Tradução: Helaina de Barros Conde Rodrigues, Vera Portocarrero. São Paulo, SP: Paz e Terra, 2020.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização, introdução e revisão técnica de Roberto Machado. 6. Ed. Rio de Janeiro, RJ/São Paulo, SP: Paz e Terra, 2017c.

FOUCAULT, Michel. **Subjetividade e Verdade: curso no Collège de France (1980-1981)**. Coleção obras de Michel Foucault. Edição estabelecida por Frédéric Gros sob direção de François Ewald e Alessandro Fontana. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos, volume v: ética, sexualidade e política**. Organização, seleção de textos e revisão técnica Manoel Barros da Mota. Tradução: Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. 3. Ed. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2017b.

FRANCO, Fábio; CASTRO, Júlio Cesar Lemes de; MANZI, Ronaldo; SAFATLE, Vladimir e AFSHAR, Yasmin. O Sujeito e a Ordem do Mercado: Gênese Teórica do Neoliberalismo. In: SAFATLE, Vladimir; Junior, Nelson da Silva e DUNKER, Christian (Orgs). **Neoliberalismo Como Gestão do Sofrimento Psíquico**. Belo Horizonte, MG: Antêntica, 2021.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor e NOTAKER, Henry. **O Livro das Religiões**. Tradução Isa Mara Lando. Revisão Técnica e Apêndice Antônio Flavio Pierucci. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2000.

GARCIA, Maria Manuela Alves. **Pedagogias Críticas e Subjetivação: uma Perspectiva Foucaultiana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ISSA, Silvia Aparecida Caixeta. **A Escola Agrícola de Urutaí (1953-1963): singularidades da cultura escolar agrícola**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, 2014.

ISSA, Silvia Aparecida Caixeta. **Escola Agrotécnica Federal de Urutaí (1978-1986): a formação de mão de obra agrícola no sudeste goiano**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Uberlândia, 2018.

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

LAVAL, Chistian. Christian. **Foucault, Bourdieu e a questão neoliberal**. Tradução: Márcia Pereira Cunha e Nilton Ken Ota. São Paulo, SP: Elefante, 2020.

LAVAL, Chistian. **A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público**. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo, SP: Boitempo, 2019.

LEMONS, Flávia Cristina Silveira; SANTOS, Cristiane de Souza; NOBRE, Diana da silva e PAULO, Francidalva Costa. O UNICEF e a gestão das famílias: uma análise a partir das ferramentas legadas por Michel Foucault. **Estudos e Pesquisas em Psicologia** (UERJ, Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=4518445110182013>), v. 13, n. 2, p. 745-760, 2013.

MARINHO, Cristiane Maria. **Processos de subjetivação, governamentalidade neoliberal e resistência: uma leitura a partir de Michel Foucault e Judith Butler**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Goiás. 2020.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. Coleção Feminismos Plurais. São Paulo, SP: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

RESENDE, Haroldo de. A educação por toda a vida como estratégia de biorregulação neoliberal. In: RESENDE, Haroldo de (Org.). **Michel Foucault: a arte neoliberal de governar e a educação**. São Paulo, SP: Intermeios, 2018.

SAMPAIO, Pedro Ivan Moreria De. *Indivíduo: Começo, Meio e Fim do Neoliberalismo*. In: RAGO, Margareth e PELEGRINI, Mauricio (Orgs.). **Neoliberalismo, Feminismo e Contracundutas: Perspectivas Foucaultianas**. Coleção Entregêneros. São Paulo, SP: Intermeios, 2019.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. **Políticas educativas y construcción de personalidades neoliberales y neocolonialistas**. Madrid, España: Ediciones Morata, 2017.

SARTORI, Alice Stephanie Tapia. **As práticas de memorização no ensino de matemática: reconfigurações nos discursos da Revista Nova Escola**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, 2019.

SESELLART, Michel. Tradução: Cesar Candioto e Pedro Souza. *Verdade e Subjetividade: uma outra história do cristianismo?* In: CANDIOTTO, Cesar e SOUZA, Pedro de (Orgs.). **Foucault e o cristianismo**. Coleção Estudos Foucaultianos, 10. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2012.

SILVA JUNIOR, Nelson da. *O Brasil da barbárie à desumanização neoliberal: do “Pacto Edípico, Pacto Social”, de Hélio Pellegrino, ao “E, daí?”, de Jair Bolsonaro*. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA JUNIOR, Nelson da e DUNKER, CHRISTIAN (Orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2021.

SILVA, Marcio Antonio Da. **A Política Cultural dos Livros Didáticos de Matemática: um guia para transformar estudantes em cidadãos neoliberais**. Linhas Críticas (Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v24i0.21853>), v. 25, p. 381–398, 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. Ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

TAYLOR, Dianna. *Práticas de si*. In: TAYLOR, Diana (editora). Tradução: Fábio Creder. **Michel Foucault: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

VALERO, Paola. *Capital humano: o currículo de matemática escolar e a fabricação do *homo oeconomicus* neoliberal*. In: GODOY, Elenilton Vieira, SILVA, Marcio Antonio da e SANTOS, Vinício de Macedo (Orgs.). **Currículos de matemática em debate: questões para políticas educacionais e para a pesquisa em Educação Matemática**. São Paulo, SP: Editora Livraria da Física, 2018.

VEIGA-NETO. **Foucault & a Educação**. 3. Ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

Autores

Ricardo Gomes Assunção

Doutor em Educação Matemática pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS (2022). Mestre em Matemática pela Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão – UFG/RC (2015). Graduado em Licenciatura em Matemática pela Universidade Federal de Goiás/Campus Avançado de Catalão – UFG/CAC (2005). Docente no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano/Campus Urutaí. Endereço: Rua Geraldo Vidueira Guerra, nº 174, Bairro Santa Helena II, CEP: 75704-360, Catalão/Goiás/Brasil. E-mail: ricardo.assuncao@ifgoiano.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6539-945X>

Marcio Antonio da Silva

Pós-doutorado pelo Departamento de Ensino de Ciências e Matemática da Universidade

de Estocolmo (Suécia). Doutorado e Mestrado em Educação Matemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Licenciado em Matemática pela Universidade de São Paulo. Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq. Professor do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Endereço: Instituto de Matemática – UFMS. Cidade Universitária, s/n- Caixa Postal 549. Avenida Senador Filinto Müller nº 1555, CEP: 79074-460. Campo Grande – Mato Grosso do Sul – Brasil.
E-mail: marcio.silva@ufms.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5061-8453>

Como citar o artigo

ASSUNÇÃO, R. G.; SILVA, M. A. da. Procesos de Exclusión a través del Currículo de Matemáticas: ¿de Quién es la Culpa? **Revista Paradigma**, Vol. XLIV, Edição Temática N^o. 4: Currículos de Matemática: Políticas Públicas Teorías y Prácticas; Sept. de 2023 / 338 – 359. DOI: **XXXX**